



EDUCAÇÃO
Como o ministro Aloizio Mercadante se tornou doutor

EXCLUSIVO
Os bastidores do tráfico de influência na Receita Federal



TUMBLR
Por que todos estão ligados nas redes sociais de fotografia

E MAIS
Walcyr Carrasco e o exibicionismo dos artistas
Guilherme Fiuza e os rivais que assombram Serra
Alberto Almeida e os aliados que azucrinam Aécio

ÉPOCA

www.epoca.com.br



ESPECIAL

O segredo das mulheres felizes

CORPO

Ignore a ditadura da perfeição

TRABALHO

Invista na carreira sem culpa

SEXO

Marque hora se for preciso

FAMÍLIA

Lugar de homem é na cozinha

ENTREVISTA

“O feminismo mentiu para as mulheres”, diz Camille Paglia

Sandra Garcia, modelo de 27 anos. Beleza, para ela, é qualidade de vida



VIDA

Para inspirar-se

ESPECIAL
MULHER

10

SEGREDOS
PARA
SER

FELIZ



O que mães, profissionais
e parceiras que alcançaram
o equilíbrio entre seus vários
papéis têm a ensinar

**Marcela Buscato, Martha Mendonça,
Nathalia Ziemkiewicz e Tonia Machado**



SANDRA
GARCIA

27 anos | Modelo
e atriz

Ela usa os momentos
de cuidados com a
beleza para descansar
do trabalho e da
atenção com a família

A felicidade, claro, não é uma aspiração apenas feminina. A miragem de um tempo perfeito e de uma vida perfeita faz sonhar e inquieta homens e mulheres. Mas, de alguma forma, e de maneira surpreendente, essa miragem parece mais inalcançável para o sexo feminino. Mesmo depois de beneficiadas, nas décadas passadas, por aquilo que o historiador Eric Hobsbawm chamou de a mais vigorosa transformação da história recente – aquela que as emancipou da servidão doméstica, permitindo que estudassem, trabalhassem e assumissem funções públicas antes reservadas aos homens –, as mulheres ainda sofrem com suas próprias dificuldades e contradições, tanto ou mais do que sofrem com as restrições impostas pela sociedade. “Toda mulher é uma rebelde, normalmente em revolta selvagem contra ela mesma”, escreveu, com infinito sarcasmo e muita perspicácia, o escritor irlandês Oscar Wilde. As mulheres do século XXI parecem de fato ser as juízas mais severas de si mesmas – em casa, no trabalho, nas relações com os homens e no trato dos filhos. O resultado disso é que a palavra culpa ocupa um espaço desproporcional em suas vidas e atrapalha ainda mais a busca da felicidade.

Na reportagem especial a seguir, ouvimos pesquisadores e profissionais de diversas áreas – dentro e fora do Brasil – para entender como as brasileiras de carne e osso, em sua enorme diversidade, podem ser mais felizes do que são. Os especialistas revelaram muitas coisas – como a relação surpreendente entre o poder das mulheres e a quantidade de sexo que elas praticam ou sobre o erro que o feminismo cometeu ao subordinar a maternidade à realização profissional. Mas nada se compara à experiência das próprias mulheres em organizar melhor suas vidas. Por isso fomos ouvi-las.

Para a empresária Aline Cardoso Barabinot, de 33 anos, o segredo que leva à sua forma particular e inestimável de felicidade é trabalhar muito, mesmo que isso signifique perder momentos preciosos ao lado das duas filhas. A dentista Patrícia Azevedo Dotto, de 40 anos, deixou sua profissão para ser mãe em tempo integral e se descobriu em seu melhor papel. A administradora de em-

ALINE BARABINOT

33 anos | Empresária

Prestou atenção em si para descobrir o que mais a satisfazia. Entendeu que seria mais feliz e uma mãe melhor se investisse sem culpa na carreira



presas Mônica Nascimbeni, de 32 anos, divide-se entre o trabalho como gerente de marketing numa multinacional e o papel de mãe e companheira. Mas não hesita em deixar tudo para trás, nem que seja por algumas poucas horas, para praticar corrida ou simplesmente ficar sozinha. A artista plástica Nuria Casadevall, de 48 anos, descobriu uma liberdade com que nunca tinha sonhado ao romper com as pressões sociais para ficar solteira – e muito bem acompanhada dos amigos e dos parceiros que partilhem seus valores de vida, dos quais ela não abre mão por ninguém. Para a publicitária Florencia Lear, de 23 anos, a felicidade está em deixar o namorado a cargo da cozinha. E até do tanque, se necessário. A atriz e modelo Sandra Garcia, de 27 anos, transformou as exigências de sua profissão em relação a seu corpo numa forma de valorização. Sabe que as horas diárias gastas na academia e as calorias economizadas ao se privar de uma sobremesa são formas de cuidar dela mesma numa vida corrida, em que divide as atenções entre o marido e a filha Manuela, de 6 meses.

Da conversa com essas mulheres – e das novas pesquisas –, extraímos as dez orientações que formam a espinha dorsal desta reportagem especial. Uma primeira conclusão, que atravessa a vida de todas elas e permeia o trabalho dos pesquisadores, é a necessidade de equilíbrio. Encontrar equilíbrio é o maior anseio das mulheres adultas. Numa pesquisa inédita realizada pela consultoria de comunicação Cappellano, de São Paulo, mais de 30% das mulheres consideraram o equilíbrio como a parte mais essencial de uma vida plena (*leia os resultados na página 79*). O amor, segundo colocado, aparece na preferência de 11%. O equilíbrio precede até mesmo o desejo pela felicidade, almejada por 3% das mulheres. Ele é visto como o caminho – ou o primeiro sintoma – da plenitude. “O que resume equilíbrio para mulher é ser capaz de lidar com os obstáculos impostos pelo cotidiano”, diz a psicóloga Ana Mercês Bock, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Para quem se sente longe do equilíbrio, a boa notícia é que atingi-lo não exige revoluções, apenas ajustes. As

mulheres desta reportagem já erraram no balanço diário das doses de estresse e riso, de família e trabalho. Mas descobriram como acertar a mão. Cada uma é detentora de um pequeno segredo para facilitar o malabarismo do dia a dia, afrouxar o cabo de guerra e domar o caos doméstico. Os segredos das mulheres felizes, apresentados a seguir, podem servir também ao homem moderno, que nasceu a partir da transformação do papel feminino nas últimas décadas. “O perfil da nova mulher e do novo homem está sendo criado ao mesmo tempo”, afirma Ana, da PUC-SP. Para elas – e sobretudo para elas –, eis os segredos das mulheres que encontraram o equilíbrio.

1. **DESCUBRA O QUE VOCÊ QUER**

Para equilibrar as forças que nos dividem, primeiro é preciso reconhecê-las. “Não há como estabelecer prioridades e dosar tempo e dedicação se não temos clareza sobre os valores que estão em jogo e quem somos”, diz a psicóloga Lilian Frazão, da Universidade de São Paulo (USP). O processo pode ser longo e árduo – e doer quando a balança pender para o lado errado. Mas, com o passar do tempo, a dor leva à inevitável descoberta de quanto cada elemento da vida – a família, o trabalho e a individualidade – contribui para sua satisfação pessoal.

A empresária Aline Cardoso Barabino teve a sorte de descobrir cedo que, para ela, o trabalho era tão ou mais importante do que qualquer aspecto da existência. Ela é casada há 12 anos com o francês Jean-Luc. É mãe de duas meninas – a mais velha tem 5 anos, a mais nova 2 meses – e se considera uma workaholic sem cura. Dirige uma consultoria de negócios internacionais, onde trabalha, em média, dez horas por dia. Já se pegou respondendo a e-mails pelo celular enquanto amamentava. As viagens ao exterior são frequentes, quase uma a cada dois meses. Tanto que sua filha mais velha, Isabelle, está acostumada a falar com a mãe pelo Skype. Quando a menina ficou doente e Aline estava fora, algo que já aconteceu duas vezes, o coração de mãe apertou. Mas Aline lembrou

PATRICIA DOTTO

40 anos | Dentista

Ela aceitou abrir mão da profissão para se sentir uma mãe completa para o filho, Klauss, de 11 meses. Descobriu-se em seu melhor papel



que precisava confiar nas pessoas com quem deixara a filha: o marido e a babá. “Comecei a trabalhar cedo, aos 17 anos. Nunca consegui ficar longe do trabalho, até durante um intercâmbio na França”, afirma. A confirmação sobre a importância da carreira para ela veio quando a filha mais velha, Isabelle, nasceu. “Era um momento importante para mim, mas sentia que não sou só mãe”, afirma Aline. “A maternidade é uma parte do que sou, mas não a única. Ficaria infeliz se tivesse de abrir mão das minhas responsabilidades profissionais.”

A psicóloga americana Cheryl Buehler, pesquisadora da Universidade da Carolina do Norte, concluiu que mulheres de vida atribulada, como Aline, podem, sim, ser felizes. Ela acompanhou 1.300 mulheres durante dez anos e se surpreendeu com os resultados de seu estudo, publicado em dezembro no jornal da Associação Americana de Psicologia. As mulheres que trabalhavam fora e conciliavam a dura rotina de mãe e profissional se diziam mais felizes e tinham menos sintomas de depressão do que as mulheres que não trabalhavam. A explicação, segundo Cheryl, é que as executivas tinham mais recursos financeiros do que as donas de casa para contratar babás e empregadas. Mas a felicidade feminina vai além da possibilidade de contar com ajuda em casa, algo cada vez mais raro. Para sentir-se completa, Aline e outras mulheres precisam aceitar o segundo e, talvez, mais difícil mandamento da mulher plena.

2. **COMBATA O SENTIMENTO DE CULPA**

Foram décadas de luta por oportunidades iguais na educação e no mercado de trabalho. Não é justo que agora as mulheres se punam por não dedicar o tempo que deveriam aos filhos. Ou ao trabalho. Ou ao marido. Ou aos três. “A culpa é o sentimento mais forte da mulher contemporânea”, diz a economista Regina Madalozzo, estudiosa das relações de trabalho e gênero do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper).

Há dois componentes para explicar ▶

a culpa feminina. O primeiro vem da biologia, como resumiu a escritora americana Erica Jong numa de suas frases mais famosas: “Mostre uma mulher que não sinta culpa, e eu apontarei um homem”. As regiões do cérebro responsáveis por notar expressões faciais têm quatro vezes mais neurônios nelas do que neles. A cara de choro de um bebê ao ser deixado pela mãe na escola ou o olhar de reprovação do chefe por uma saída durante o expediente as afetam com mais intensidade. O psicólogo Itziar Etxebarria, pesquisador da Universidade do País Basco, confirmou na prática a maior empatia feminina. Ele mediu a reação de 360 voluntários, entre homens e mulheres, a situações como esquecer o aniversário de alguém importante. No geral, elas se condoíam mais do que eles.

O segundo componente tem origens sociais. A pesquisa *A batalha pelo talento feminino no Brasil*, publicada neste ano pela organização internacional Center for Work-life Policy, que estuda o mercado de trabalho, rastreou as origens da culpa em 1.100 brasileiras com curso superior, que trabalham em multinacionais. Cerca de 60% se dizem culpadas por não dar mais atenção aos filhos; 44% sentem mais culpa por não cuidar dos pais idosos. Em torno de 40% admitiram pensar em frear a carreira ou desistir dela por causa das dificuldades para conciliar trabalho e família – e por sentir preconceito no ambiente de trabalho. “Algumas mulheres desistem, acreditando que foi uma opção. Não foi”, afirma Regina, do Insuper. “Muitas vezes, desistir da carreira é uma defesa feminina para o fato de que não são oferecidas opções para a mulher driblar os obstáculos da vida doméstica.” Uma pesquisa feita em 2010 pelo Fórum Econômico Mundial e conduzida em 20 países, entre eles o Brasil, elencou as barreiras para que as mulheres alcancem os melhores postos de trabalho. A ausência de políticas corporativas para equilibrar a vida pessoal e profissional das funcionárias e a falta de horários flexíveis foram campeões de queixas.

Conformar-se (ou apenas queixar-se) não é solução. “Reduzir os obstáculos à realização profissional feminina não depende apenas de uma mudança cultural, mas também da disposição da

NURIA CASADEVALL
48 anos | Artista plástica

Resistiu às pressões da sociedade que sugeriam que ela tinha de casar e ter filhos. Solteira, é feliz ao aproveitar a vida sem limites



mulher para encarar as dificuldades”, diz a socióloga Natália Fontoura, coordenadora de Igualdade e Gênero do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Um bom começo é não se deixar abalar pelas próprias cobranças, ao entender que a origem da sensação de culpa é, em parte, externa. “Na história e na literatura, a mulher foi considerada culpada desde tempos imemoriais”, afirma a filósofa Marcia Tiburi. Na *Bíblia*, é ela quem provoca a expulsão de Adão do Paraíso, por dar ouvidos à serpente. Na mitologia grega, é quem abre a caixa de Pandora, liberando todos os males do mundo. “As mulheres de hoje herdam esse discurso histórico e se sentem obrigadas a provar que podem ser excelentes profissionais, mães, companheiras e, claro, ainda precisam ser lindas”, afirma Marcia. “Quem não consegue ser essa heroína se sente em dívida, como se não tivesse cumprido seu dever.”

3. APRENDA A ABRIR MÃO

Não há nada de errado em renunciar a algum aspecto da vida quando a escolha é consciente (e autônoma). Pelo contrário. “A mulher precisa entender que o equilíbrio pode implicar fechar alguns caminhos, perdas”, diz a psicanalista Walkiria Helena Grant, da USP. Não dá para ser “supermulher”, por mais que todas tentem e sofram com isso. O termo faz referência à figura do herói dos quadrinhos Super-Homem, mas foi usado em contexto sério pela escritora americana Marjorie Hansen Shaevitz. Em 1984, ela descreveu a síndrome da supermulher, no livro de mesmo nome. Fez sucesso ao criticar a ilusão de que a mulher deve sobressair tanto nos traços naturalmente femininos (como carinho ou beleza) quanto nas características atribuídas aos homens, como segurança e sucesso profissional.

A dona de casa Patrícia Azevedo Dotto, de 40 anos, enfrentou sua síndrome de supermulher há dois, quando deixou seu trabalho como dentista e empresária para dedicar-se exclusivamente à família. Casada há dez anos, ela cuidou do enteado, Kness, e agora se dedica ao filho, Klauss, de 11 meses. “As pessoas me questionavam por ter estudado

tanto e ter deixado a profissão”, afirma. Ela diz ter sentido insegurança no primeiro momento, mas hoje afirma estar contente com sua escolha. “Entendi que precisava abrir mão de alguma coisa para me sentir realizada como mãe.”

No início do século passado, as mulheres já eram criticadas por ficar em casa, enquanto os homens morriam na guerra. As donas de casa viraram “ameaças à sociedade”, mas não se ofereciam muitas alternativas a esse papel doméstico. Um dos livros que ajudaram a reforçar o preconceito foi o best-seller *Generation of vipers (Geração de víboras)*, do escritor Philip Wylie. Ele atacava as mães amorosas, tidas como responsáveis por mimar os filhos e torná-los fracos. Não era uma crítica feminista, mas sim uma manifestação antifeminina. As feministas do fim da década de 1960 também não perdoavam a escolha pelo papel de mãe em tempo integral. Acusavam essas mulheres de desperdiçar educação. Hoje, a ditadura da mulher profissional começou a esmorecer. “Depreciar a mulher que quer ser mãe é uma distorção”, afirma a intelectual americana Camille Paglia (*leia a entrevista completa na página 88*). “O feminismo deveria encorajar escolhas e ser aberto a decisões individuais.” Isso nos leva a outro mandamento importante:

4. NÃO CEDA ÀS PRESSÕES

Todo mundo tem uma opinião sobre o que as mulheres deveriam fazer com suas vidas. Das feministas que lutam pela igualdade de oportunidades aos conservadores, que defendem a combinação “casamento & filhos”. É duro resistir a essas pressões. Elas tendem a moldar de forma inconsciente as expectativas das mulheres. No passado, as mais estudadas, que ingressavam no mercado de trabalho, ficavam sem casamento. Os homens recusavam atitudes assertivas e independentes. Alguns manuais pós-guerra recomendavam às moças que se fizessem de bobas. Hoje, as demandas são mais variadas e sutis, mas existem.

Nos Estados Unidos, um estudo a ser publicado nas próximas edições do

MÔNICA NASCIBENI

32 anos | Administradora

Concilia marido, enteado, filha e cachorro com o trabalho de executiva em uma multinacional. Mas sabe que precisa ter momentos só seus. Corre para desestressar



Journal of Family Issues comparou o que os homens desejavam de uma mulher em 1939 e mais recentemente, em 2008. O trabalho revelou que, em 1939, eles preferiam uma boa cozinheira (8º lugar hoje) virgem (10º lugar hoje). Continuam no alto da lista coisas como “ser uma pessoa com quem se pode contar” (era 1º e virou 2º), “estabilidade emocional e maturidade” (foi de 2º para 3º) e “temperamento agradável” (de 3º para 5º). Escolaridade e inteligência estavam em 11º lugar em 1939, saltaram para 4º lugar em 2008. Agora, o que os homens acham mais importante na hora de escolher uma mulher é “atração mútua e amor”. Antes, isso vinha em 4º lugar. Claramente, as coisas estão mudando, mas nem sempre na direção de valorizar o conteúdo das mulheres. A beleza, que no passado era o 14º item da lista masculina, agora está em 8º lugar – e subindo!

A artista plástica Nuria Casadevall, de 48 anos, comprou a briga contra as pressões sociais. Especificamente, contra a ideia de que mulher tem de casar e ter filhos. Solteira convicta, Nuria é presidente de um portal na internet. Diz que nunca sentiu que seria realizada como mãe. Ela aprendeu que seus valores – como o apreço pelo desenvolvimento intelectual e pela liberdade – não podem ser violentados para atender a preconceitos sobre a felicidade feminina. “Estou sozinha porque quero”, diz. “Procuro um homem que tenha afinidades comigo, caso contrário não há razões para me casar.” O preconceito ainda existe. “As pessoas pensam que mulher solteira é uma rejeitada. Ou homossexual”, diz Nuria. “Mas você vai se importar com o que as pessoas falam de você? Prezo muito a liberdade de fazer o que quiser quando bem entender.” Hoje, Nuria está mais preocupada em cuidar de si mesma. Faz parte de um grupo que pedala à noite pela cidade de São Paulo, parou de fumar, vai à academia três vezes por semana e viaja sempre que pode. Segundo um estudo divulgado em 2010 pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento, em países como Reino Unido, Áustria e Holanda, cerca de um quinto das mulheres na faixa dos 40 anos não tem filhos. No Brasil, 40% das mulheres com mais de 15 anos são solteiras e 34% ainda não tiveram filhos. ▶

5. VALORIZE-SE

Cuidar de si mesma não é mais uma questão de se adequar a padrões estéticos (leia a reportagem sobre as mudanças nos padrões de beleza na página 80). É uma forma de proteger nosso bem mais precioso, o corpo. “Hoje, o conceito de beleza está atrelado à saúde”, diz a psicanalista Joana Novaes, coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza, da PUC-Rio. Uma vida saudável se traduz no bem-estar mental e social. Os cuidados com o corpo da atriz e modelo Sandra Garcia, de 27 anos, cujas fotos ilustram esta reportagem especial, são exigências da profissão. Mas ela conseguiu transformá-los em ponto de equilíbrio, em meio a seu cotidiano atribulado. Casada há três anos, concilia os cuidados com a filha Manuela, de 6 meses, com a rotina de trabalhos e testes diários, muitos em horários pouco convencionais. “Faço questão de tirar um tempo para mim”, diz Sandra. A questão não é ficar bonita. É sentir-se bem. Seus hábitos incluem ginástica todos os dias, sessões de drenagem linfática duas vezes por semana e passeios de bicicleta com o marido aos fins de semana – uma forma de temperar com diversão os cuidados com a saúde. “Para estar bem com minha família e com os outros, preciso estar de bem comigo”, diz Sandra. Para conseguir o tempo necessário para cuidar-se, há uma exigência:

6. SEJA EGOÍSTA

Não é preciso ser egoísta no sentido mesquinho da palavra, mas é importante lembrar que você tem direito a algumas horas de seu dia só para você. Sentiu culpa? (Se a resposta for sim, releia o segundo mandamento e coloque a culpa de lado.) A administradora de empresas Mônica Nascimbeni, de 32 anos, já foi uma workaholic e comandante estressada de uma casa com marido, uma filha bebê, um enteado pré-adolescente e um cachorro. Ela percebeu que precisava se lembrar dela mesma quando pequenos imprevistos cotidianos começaram a tirá-la do sério – um sinal inequívoco de estresse. Hoje, sua rotina continua longe de ser tranquila. Mônica deixa diariamente

FLORENCIA LEAR

23 anos | Publicitária

Há um ano morando com o namorado, percebeu que a vida ficava melhor se ele ajudasse nas tarefas domésticas. Agora, ele é o encarregado do fogão



a filha de 1 ano com a avó para encarar um expediente de dez horas numa multinacional. Mas conseguiu encontrar brechas para, simplesmente, pensar em si mesma. Às terças-feiras e quintas-feiras, participa de um grupo de corrida com percursos de uma hora e meia. “As mulheres não sabem dizer não e, por isso, costumam se anular”, diz Christian Barbosa, presidente da consultoria de produtividade Triáde. “Elas precisam urgentemente encontrar brechas para elas mesmas no dia a dia para se equilibrar.” Na receita de bem-estar de Mônica e de qualquer mulher também não pode falar sexo. Por isso:

7. MARQUE HORA PARA FAZER SEXO, SE FOR PRECISO

As mulheres costumam se esquecer desse ingrediente à medida que suas responsabilidades aumentam – um dado preocupante numa sociedade em que a influência feminina cresce. Um estudo divulgado em outubro na publicação científica *Journal of Sex Research* mostrou que, quanto maior a influência das mulheres nas decisões familiares, menor é a frequência com que elas fazem sexo. A pesquisa foi feita em países africanos por cientistas da Escola de Saúde Pública Johns Hopkins Bloomberg, nos Estados Unidos. Os pesquisadores preferem não arriscar explicações sobre a relação entre poder, sexualidade e as famosas dores de cabeça. Simplesmente anunciaram que farão mais estudos para responder à questão.

No dia a dia, as mulheres sabem intuitivamente a resposta procurada pela ciência: conforme elas ganham poder de decisão e responsabilidades, o desgaste físico e emocional também é maior. Maior inclusive que nos homens. Elas sentem necessidade de abraçar todas as tarefas (culpa, lembra?), enquanto os homens se dão por satisfeitos em fazer bem uma coisa só. Manter a libido sob pressão permanente é mais difícil. A ginecologista Carolina Ambrogini, da Universidade Federal de São Paulo, coordenadora do Projeto Afrodite, que estuda sexualidade feminina, afirma que marcar hora para fazer sexo é (por incrível que pareça) uma boa medida.

Ela garante que o compromisso com o prazer e o bem-estar não vai virar outro compromisso chato do cotidiano. “Tem de colocar na agenda”, diz Carolina. A única recomendação é que o sexo programado não vire o único tipo de sexo da relação. Ele é apenas um lembrete prático de que a satisfação sexual é ingrediente básico de uma vida plena. A mesma regra vale para as saídas com os amigos, os jantares a dois, as idas ao cinema e ao teatro.

8. MANTENHA A VIDA SOCIAL ATIVA

A cada duas semanas, Mônica e o marido deixam as crianças com babás ou alguém da família para pegar um cinema ou jantar. Uma regra semelhante é seguida pela publicitária Florencia Lear, de 23 anos, e pelo namorado, o também publicitário Luiz Felipe Villas, de 30. Os dois moram juntos há um ano, depois de quatro de namoro. Estabeleceram que, ao menos uma vez por semana, o destino deles depois do trabalho não é o apartamento do casal. Juntos ou separados, eles rumam para encontros com amigos. Os passeios não precisam ser a cada duas semanas, como os de Mônica, ou semanais, como os de Florencia. Não há receita. “É preciso dar espaço à espontaneidade, senão até a diversão vira obrigação”, diz Barbosa, da consultoria Triade.

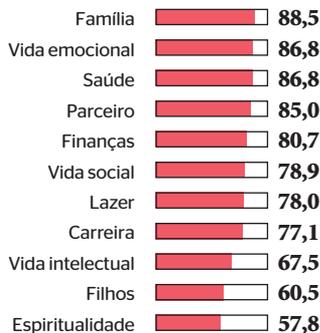
9. MANDE O MARIDO PARA A COZINHA

Dividir as tarefas domésticas é a melhor medida para combater uma das maiores fontes de insatisfação feminina: o acúmulo das responsabilidades. Aqui, o recado é para os homens. Segundo uma pesquisa do Pew Research Center, um instituto americano de opinião pública, 62% das pessoas casadas acreditam que dividir as tarefas domésticas é o terceiro elemento mais importante para a felicidade no casamento, atrás apenas de confiança e sexo. A relevância tem explicação lógica. “De forma geral, a mulher e o homem trabalham, mas ele descansa quando chega em casa, enquanto ela começa outro expediente”, afirma a psicóloga Leila Tardivo, da

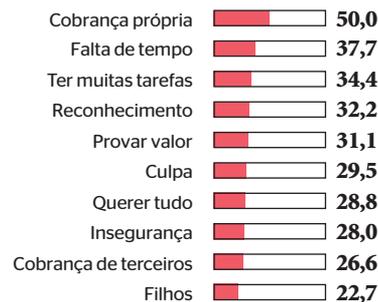
O QUE ELAS QUEREM

Uma pesquisa com mais de 100 mulheres revela o caminho do equilíbrio

AS FONTES DE SATISFAÇÃO Em %



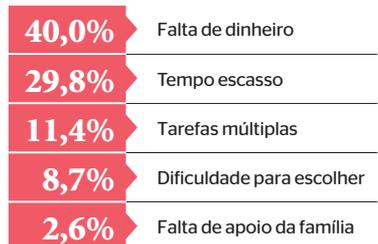
OS MOTIVOS DE ANGÚSTIA Em %



OS PLANOS PARA O FUTURO



OS OBSTÁCULOS



Fonte: Cappellano Comunicação para Marcas

USP. “Essa sobrecarga traz sentimentos de insatisfação e frustração.” No Brasil, segundo um estudo do Ipea, homens e mulheres ainda não dividem as tarefas como deveriam. Um estudo do ano passado mostrou que as mulheres dedicam 25,4 horas semanais ao lar, enquanto os homens 10,1.

Florencia, a jovem publicitária, é novata na rotina a dois. Mas conseguiu o que muitas brasileiras julgam impossível: incluiu o namorado no cronograma de afazeres domésticos. “O Luiz já havia morado sozinho. Ele sabe o trabalho que dá cuidar de uma casa”, diz. Enquanto ela arruma a cama do casal, ele prepara o café da manhã. Quatro vezes por semana é ele quem pilota o fogão (quem chega antes do trabalho compra os ingredientes para o jantar). Ele tira o lixo diariamente. Ela lava a louça e mantém cada coisa em seu lugar para o apartamento não virar uma bagunça. A limpeza pesada fica a cargo de uma faxineira, contratada duas vezes por semana. A ajuda de Luiz Villas não só alivia possíveis tensões, como permite que Florencia tenha tempo para si. Quatro vezes por semana, pelas manhãs, ela faz aulas de ioga para cuidar do corpo e relaxar.

10. TENTE VIVER COM MAIS LEVEZA

É essencial diminuir as cobranças, (consigo mesma e com os outros) e superar o estereótipo da supermulher. “A perfeição não existe”, afirma Leila, a psicóloga da USP. “Administrar nossas falhas não significa se acomodar na incompetência.” Um jeito de diminuir a ansiedade de abraçar o mundo é aproveitar o momento presente, cada um deles. Pela simples razão de que o futuro é essencialmente incontrollável. Planejar, prever e antecipar são verbos conjugáveis até certo limite. Depois disso, é preciso relaxar e desfrutar a vida como ela se apresenta. “As mulheres costumam idealizar o futuro e, por isso, ficam ansiosas com a vida que vem pela frente”, diz Artur Scarpato, psicólogo da PUC-SP. Combater essa ansiedade – assim como a culpa – é um dos segredos das mulheres felizes. ♦

Com Luíza Karam

ACABOU A DITADURA DA BELEZA

A diversidade venceu. O desafio da mulher contemporânea é descobrir seu próprio estilo e usá-lo a seu favor. Vale até o (sufocante) espartilho

Luiza Karam

No fim da década de 1960, feministas decretaram guerra ao que chamavam de instrumentos de tortura: maquiagem, salto alto e sutiãs sensuais. O movimento, que lutou pela igualdade de oportunidades entre os sexos, venceu boa parte de suas batalhas. Mas os velhos instrumentos de tortura ainda hoje são objetos cobiçados pela maioria das mulheres. Refletem alguma espécie de imposição social – mas resultam, sobretudo, do desejo das próprias mulheres de se sentir belas. O que mudou, de forma avassaladora, é que o padrão de salto, maquiagem e sutiã sen-

sual não é mais o único. Novos ideais, acessíveis a um número maior de personalidades, biotipos e temperamentos, surgiram nas últimas décadas.

“Hoje, a beleza virou sinônimo de disciplina. Ela confere mérito a quem consegue alcançá-la”, diz a psicanalista Joana Novaes, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Corpos fortes, produzidos por longas sessões de exercícios, ganharam um status antes restrito às formas originalmente belas. “Com tantas práticas corporais, oferecidas de forma cada vez mais democrática, a questão foi resumida à máxima do ‘só é feio quem quer.’”

A escritora americana Katha Pollitt, feminista que já deu aula em universidades como Harvard e Yale, deixa o radicalismo de lado quando trata da maneira como vive a mulher contemporânea. Para ela, qualquer coisa que as mulheres façam – desde usar a burca até o topless – pode ser considerada uma forma de poder, de controle da própria vida. Para Katha, nenhuma concepção de beleza é pura, isenta de valores sociais (*leia o quadro*). O importante é cada mulher descobrir como usar os novos padrões estéticos a seu favor. ►

REVELAÇÃO
A modelo Sandra
Garcia veste um
corpê. As mulheres
descobriram que a
beleza é para elas,
não para os outros



Mesmo coisas como o espartilho – o símbolo mais doloroso da submissão estética das mulheres – têm espaço nesse novo panorama. “Gosto da sensação de estar com o corset (*espartilho, em inglês*). Ele molda o corpo e me sinto firme. É uma cirurgia plástica sem cortes”, diz a advogada Sara Kjaer, de 31 anos. Sara usou seu primeiro corset em 2007. Gostou tanto que até mandou fazer o vestido de casamento com um espartilho. Ela afirma que os elogios dos amigos e do marido – que acaba de presentear-lá com uma peça – foram um incentivo a mais, mas não a razão para usar o corset. “Sempre achei lindíssimo.” Da mesma forma, a pesquisadora Priscila Magossi, de 27 anos, parece não se importar se seu gosto é bem-aceito

ou não. No início, Priscila fazia tight lacing, prática em que se usa o corset de oito a 15 horas por dia, com o objetivo de diminuir a cintura. Em seis meses, ela diz ter perdido 9 centímetros. “Sempre gostei de cintura fina. O quadril é valorizado, e a mulher fica mais feminina”, diz. Mais do que a beleza como valor de mercado, aquela que faz sucesso entre o sexo oposto e abre portas profissionais, o corset, no caso de Sara e de Priscila, é usado como vínculo entre aparência física e autoestima. A peça assustadora que oprimia as mulheres e era odiada pelos movimentos feministas ganha outro viés. A mulher como objeto sexual se transforma em alguém livre, que toma suas próprias decisões, em função de seu bem-estar.

Valerie Steele, diretora e curadora do Museu do FIT, o Instituto de Moda de Nova York, e autora do livro *The corset: a cultural history (O espartilho: uma história cultural, sem tradução no Brasil)*, acredita que a emancipação feminina não combateu o uso de espartilhos – e que talvez nem devesse. Ela acredita que não existem mais regras ditatoriais de beleza impostas às mulheres. Depois dos anos 1980, diz ela, passaram a existir várias tribos, com diferentes estéticas. “As pessoas tentam valorizar sua própria imagem, que não precisa seguir um padrão”, afirma.

Todos esses estudiosos dizem que é impossível conceber um corpo – feminino ou masculino – que não seja parte da cultura. Não existe uma beleza na-

PERFEIÇÃO EM EVOLUÇÃO

O conceito de beleza mudou ao longo dos séculos, mas sempre manteve a mesma cara

1. PROPORÇÃO E CARÁTER

Na Grécia Antiga, o belo era sinônimo de harmonia. Valorizava-se a simetria, garantia de formas proporcionais. A beleza era associada a qualidades de caráter. Segundo textos da época, o oráculo da cidade de Delfos dizia: “O mais justo é o mais belo”

EXEMPLO

Dama de Auxerre - Museu do Louvre

2. CONTEMPLAÇÃO ESPIRITUAL E MATERNIDADE

A beleza tinha significado sobrenatural na Idade Média. As mulheres deveriam ter aparência angelical e expressões suaves. Durante o Renascimento, a beleza física ganhou elementos sensuais porque a magreza nada excessiva lembrava a infertilidade

EXEMPLOS

Vênus de Urbino, de Ticiano Vecellio, e Retrato de Cecilia Gallerani, de Leonardo da Vinci

3. RIGIDEZ E SEDUÇÃO DISFARÇADA

Entre os séculos XVI e XVII, a imagem feminina mudou por causa da Reforma Protestante. A sensualidade foi substituída por uma estética rígida e lábios estreitos. A sedução ficou representada nos espartilhos, que afinavam a cintura

EXEMPLOS

Retrato de Jane Seymour, de Hans Holbein, e Elisabeth d'Áustria, de François Clouet

4. SUBJETIVIDADE E MELANCOLIA

No século XVIII e começo do XIX, a proporção e a harmonia foram deixadas de lado. A beleza ficava sob responsabilidade da imaginação e dos sentimentos, de forma completamente subjetiva. Nesse período, características melancólicas e de feminilidade eram as que mais agradavam

EXEMPLOS

Safo, de Charles-August Mengin, e Lady Lilith, de Dante Gabriel Rossetti



tural. Alguém sabe dizer se Lady Gaga é bonita ou feia? Aliás, será que essas palavras se aplicam a ela? Os padrões vigentes parecem cada vez mais favoráveis àquelas mulheres que conquistaram liberdade individual, sem medo de chocar ou desagradar à sociedade.

A americana Kjerstin Gruys, doutoranda no Departamento de Ciências Sociais da Universidade da Califórnia, tirou a prova por si própria. Quando provava vestidos, para escolher qual usaria em seu casamento, Kjerstin se sentiu frustrada: estava insegura e nada lhe caía bem. No dia seguinte, decidiu que, de março de 2011 até março deste ano, não se olharia no espelho. Durante um mês, se preparou: aprendeu a se maquiar e a pentear o cabelo sem se ver refletida – não deixaria de

prezar pela beleza. “Querida me concentrar em outras coisas e diminuir a importância que a aparência física tinha para mim”, diz ela. Nesse meio-tempo, Kjerstin se casou. “Aquele que eu pensava que seria o dia mais difícil foi, na verdade, o mais fácil: percebi que não tinha preocupações. Só queria aproveitar aquele tempo com meus amigos e minha família.” Ela conta que o desafio a ajudou a se sentir mais confiante e a não se preocupar com a maneira como é vista – mas com a forma como se sente. “Como não podia me olhar no espelho, não me preocupei. Só queria aproveitar aquele tempo com meus amigos e minha família”, diz. “Aprendi que meus sentimentos são mais importantes do que como as pessoas me veem.” Talvez essa seja a verdadeira libertação.

No livro *História da beleza*, o escritor italiano Umberto Eco conclui, ao final de 428 páginas de discussões estéticas, que o conceito de beleza do século XX foi um subproduto do mercado de consumo. Os modelos eram o cinema, a TV e as revistas. No fim do século, o mercado, que admitia certa variedade, produziu um padrão único e totalmente asfixiante de beleza: mulheres de magreza cadavérica e cabelos escorridos. Hoje, não é mais assim. “Somos obrigados a nos render diante de uma orgia de tolerância, de um sincretismo total e absoluto e irrefreável politeísmo da beleza”, escreve Eco. A mensagem parece vir igual de toda parte. A beleza não está mais só nos olhos de quem vê, mas também na atitude de quem exhibe. ♦

característica: os valores culturais determinam os padrões estéticos

5. EMANCIPAÇÃO E MAGREZA

No fim do século XIX, a mulher bonita era esbelta e amava se maquiar – sem perder seus ares de emancipação, que a levavam a evitar padrões estabelecidos para agradar ao sexo oposto. Cabelos curtos, batom vermelho e vestidos sem volume traduziam a forma como queriam ser vistas

EXEMPLOS

Louise Brooks, Sarah Bernhardt

6. MÍDIA E CONSUMO

Até em torno da metade do século XX, a mulher copiava as musas do cinema, referências para todos os gostos. Da mulher fatal Marilyn Monroe à mocinha Audrey Hepburn; das roupas suntuosas de Rita Hayworth às com toque andrógino, criadas pela estilista Coco Chanel

EXEMPLOS

Marilyn Monroe, Twiggy, Rita Hayworth e Audrey Hepburn

7. DITADURA DA BELEZA

A partir da segunda metade do século XX, os padrões eram quase autoritários: a mulher deveria ser magra, forte, com curvas e seios fartos; o cabelo, liso e bem cuidado; não havia espaço para rugas ou gordura

EXEMPLOS

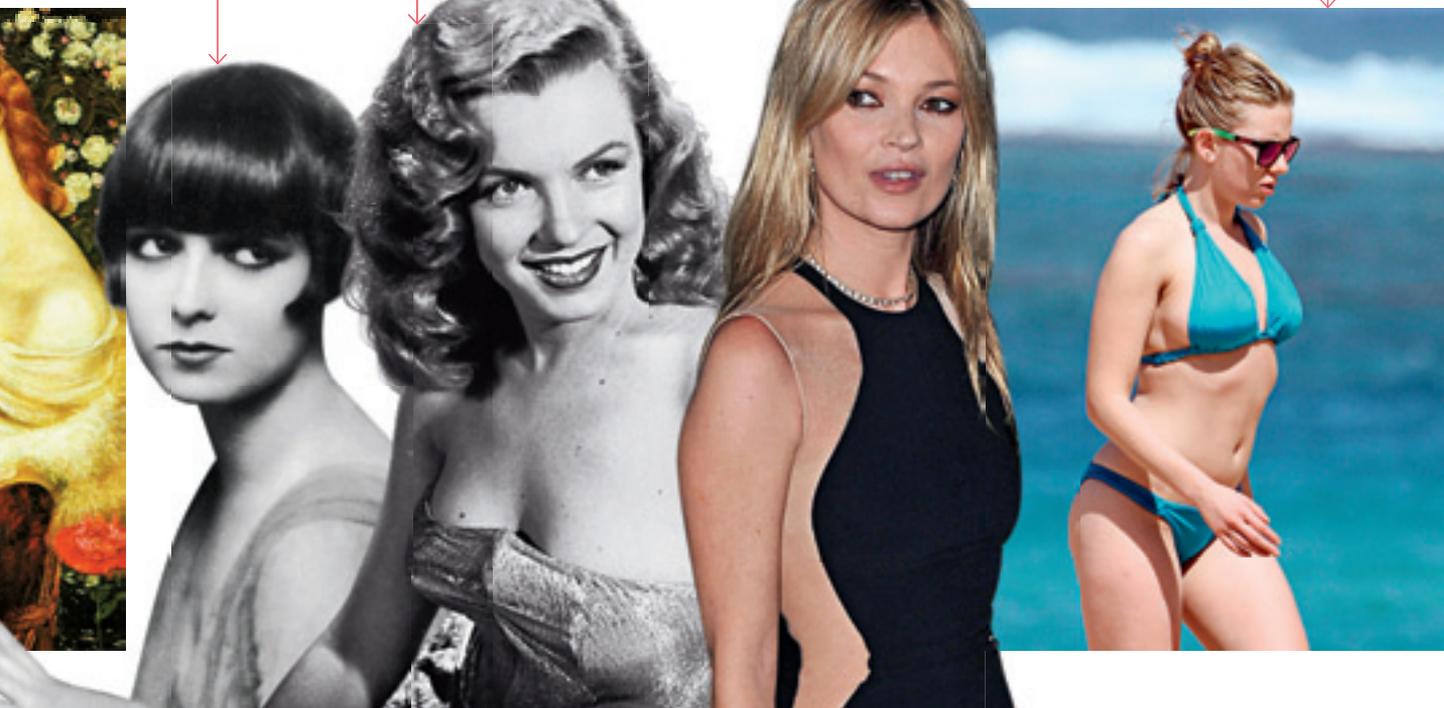
Kate Moss, Rosie Huntington-Whiteley e Sabrina Sato

8. SAÚDE E AMOR PRÓPRIO

A tendência do século XXI é politicamente correta: corpo perfeito é corpo saudável. Ainda existem padrões estéticos inatingíveis, como dos artistas, mas alguns já permitem fragras de seu corpo real. A beleza está mais ligada à valorização pessoal

EXEMPLO

Scarlett Johansson



VISTA-SE COMO AS PRINCESAS

O novo guarda-roupa de trabalho reflete uma mulher que afirma seu poder sem abrir mão da feminilidade. Sai o terninho, entram os vestidos acima do joelho

Bruno Astuto

Foi-se o tempo em que a mulher tirava do guarda-roupa masculino a inspiração para conquistar seu lugar no escritório. Ternos que não acentuam as curvas da natureza, tailleurs de cores sisudas como marrom ou cinza e pouca maquiagem ajudaram por décadas a tirar da aparência qualquer resquício de fragilidade que fizesse supor desigualdade de competências no cotidiano do trabalho. Cada vez mais presentes nos postos mais altos da hierarquia empresarial – elas têm 30% dos cargos de alta gerência no Brasil, de acordo

com o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa –, as mulheres dos anos 2010 relaxaram, apostando em peças que ressaltam sua singularidade feminina em detrimento da estética feminista dos anos 1970 e 1980.

A preocupação de se parecer com uma “princesa” ficou no passado, até porque as figuras da realeza moderna também mudaram seu papel. Da inglesa Kate Middleton, mulher do príncipe William, da Inglaterra, à rainha Rania, da Jordânia, ou à princesa Letizia, da Espanha, todas querem dar a impressão de que são “normais” como suas súdi-

tas. Desfilam peças funcionais em seus compromissos oficiais, no lugar dos vestidos de gala longos, cheios de babados e anáguas do passado. Elas também se aproximaram das mulheres comuns ao, vez por outra, ser flagradas usando vestidos comprados a preços módicos em grandes lojas do varejo. Não por acaso, viraram ícones de estilo para a nova geração de mulheres trabalhadoras, que não se enxergam nas atrizes hollywoodianas, em seu eterno figurino de roupas de festa, nem tampouco nas líderes que chegaram ao poder pelo voto e pela competência, como a ►



KATE MIDDLETON
30 anos
Duquesa de Cambridge

Romântica e descolada, a duquesa de Cambridge usa saia acima do joelho em eventos oficiais e mistura roupas de fast fashion a grandes marcas. A simplicidade sugere simpatia

**LETIZIA ORTIZ**

39 anos

Princesa de Astúrias

A princesa é clássica e, ao mesmo tempo, jovem. Destaca o corpo em vestidos femininos e usa até biquíni. As peças que veste têm caimento impecável

RANIA AL-ABDULLAH

41 anos

Rainha da Jordânia

A rainha muçulmana devota-se ao país sem vestir o véu e sem deixar de lado seu estilo moderno e sofisticado. Ela compra suas roupas em Londres e nos Estados Unidos

presidente Dilma Rousseff ou a primeira-ministra alemã, Angela Merkel. Embora sejam exemplos de sucesso na carreira pública, elas ainda optam por ternos de fibra sintética de silhueta quadrada e sem forma, um corte antiquado para os padrões vigentes.

As novas chaves do closet de trabalho são peças avulsas que podem ser combinadas e editadas ao longo da semana de expediente, conhecidas como “separate”. O terno careta dá lugar a um blazer bem cortado de alfaiataria, usado com vestido de comprimento pouco acima do joelho; uma blusa de seda colorida acompanha muito bem uma pantalonada ou uma saia-lápis num tom mais sério como o cinza; o *tailleur* pode ganhar ares menos sisudos com um colar étnico ou um broche divertido; e até as estampas, antes proibidas nos manuais de estilo do ambiente de trabalho, foram liberadas, desde que não sejam espalhafatosas. Das recentes semanas de moda, surge a alfaiataria “componível”, peças herdadas do guarda-roupa masculino, como paletós, blazers, calças e coletes, mas que não precisam ser usadas em conjunto pelas mulheres. Podem ser combinadas, individualmente, com roupas e acessórios femininos que ajudam a quebrar a severidade.

Algumas proibições, no entanto, continuam: lingerie aparentes, decotes e fendas pronunciados, bordados, saltos muito altos, barriga de fora, maquiagem exagerada, enfim tudo aquilo que supõe um convite a esticar depois do expediente. Guarde o glamour dos vestidos longos e dos ombros de fora para a vida fora da empresa, quando você pode ser tão sensual quanto quiser. É preciso ter cuidado também com a moda dos esmaltes: nada de tons inusitados ou metalizados. A moda neofeminista é regida pelas profissionais que não chegaram lá apesar de ser mulheres, mas porque são mulheres. Hoje elas têm outras preocupações, como a perseguição impossível da estética da juventude eterna e os penosos padrões de magreza estabelecidos por marcas que produzem roupas em tamanho semi-infantis. O desafio do novo século talvez resida em como elas enfrentarão o próprio espelho. ◆

ENTREVISTA
CAMILLE PAGLIA

“O FEMINISMO NÃO
É HONESTO COM AS
MULHERES”

A intelectual americana diz que o movimento iludiu uma geração ao afirmar que era possível cuidar da carreira primeiro e ter filhos depois – plano frustrado pelas limitações da natureza

Marcela Buscato

A ESCRITORA AMERICANA CAMILLE PAGLIA, DE 64 ANOS, GANHOU DESTAQUE NA DÉCADA DE 1990 ao analisar a interação entre sociedade e cultura em seu livro *Personas sexuais*. Professora da Universidade das Artes, na Filadélfia, há quase 30 anos, algumas de suas opiniões mais famosas – e polêmicas – são sobre a influência negativa do movimento feminista americano. Camille se diz uma dissidente. Para ela, o feminismo do final da década de 1960 fez com que as mulheres se colocassem no papel de vítimas. Agora, Camille volta sua crítica à ditadura da mulher profissional – aquela que deixa a família em segundo lugar para cuidar da carreira e fica infeliz ao perceber que é tarde demais para ser mãe. “O feminismo deveria encorajar escolhas e ser aberto a decisões individuais”, diz Camille, ex-companheira da curadora de artes Alison Maddex, cujo filho, Lucien, ela adotou.

ÉPOCA - Hoje, muitas mulheres escolhem voltar à vida doméstica e abandonam a carreira em prol da família. Essa tendência é um avanço ou um retrocesso?

Camille Paglia - Muitas feministas de minha geração se opuseram com fervor a essa tendência de as mulheres voltarem a se dedicar exclusivamente ao papel de mãe, mas eu não concordo com essas feministas. Desde o fim da década de 1960, há uma depreciação de quem quer ser mãe e mulher. Para mim, feminismo é a luta por oportunidades iguais para as mulheres. Ou seja: remover qualquer barreira que atrapalhe o avanço na educação superior e no mercado de trabalho. O feminismo deveria encorajar escolhas e ser aberto a decisões individuais. As feministas estavam erradas ao exaltar a mulher profissional como mais importante que a mulher mãe e esposa. Uma geração inteira de profissionais americanas adiou a maternidade e, quando finalmente decidiu engravidar, não conseguiu encontrar parceiro ou teve problemas de fertilidade.

ÉPOCA - O adiamento da maternidade foi uma consequência negativa do feminismo?

Camille - O feminismo não tem sido honesto sobre a realidade biológica que as mulheres têm de enfrentar se quiserem unir maternidade a ambições profissionais. Nesse caso, a natureza entra em conflito com o idealismo moderno da igualdade sexual. As feministas asseguraram às mulheres que haveria tempo suficiente para elas terem filhos mais tarde, com 40 anos ou 50 anos, depois de alcançarem o sucesso profissional. Quanta ignorância científica! Há muito tempo sabemos que os riscos para a mãe e para a criança são maiores quando se tem mais de 35 anos. Segundo a perspectiva médica, a mulher é mais fértil e tem mais facilidade para criar os filhos quando está na casa dos 20 anos. Tornar-se mãe ou pai nessa idade é bastante diferente de aos 40 anos. Meus pais me tiveram quando estavam com 21 anos, enquanto meu pai ainda estava na faculdade. Eles eram mais espontâneos e divertidos do que 15 anos depois, quando meu pai se tornou professor e tinha uma rotina pesada de tarefas a cumprir. ►



DISSIDENTE

A escritora americana
Camille Paglia.
Ela quer que as
mulheres possam ser
mães em tempo
integral sem ser
julgadas

ÉPOCA - Em muitos países, inclusive no Brasil, as mulheres são maioria nas universidades e constituem boa parte da força de trabalho, mas pesquisas sugerem que elas nunca se sentiram tão infelizes. Quais são as causas da tristeza?

Camille - As mulheres ganharam muito com a emancipação feminina. Acima de tudo, a possibilidade de trabalhar fora e de ser financeiramente independente, sem a humilhante subordinação ao pai ou ao marido. As mulheres provaram que podem ser tão bem-sucedidas quanto os homens, mas seres humanos são mais do que apenas profissionais. É mais complicado para elas do que para eles integrar sucesso profissional à felicidade emocional e sexual.

ÉPOCA - Por que as mulheres sofrem para se sentir realizadas?

Camille - Como uma mulher poderosa, acostumada a ter total controle no escritório, pode fazer a transição para a vida doméstica, em que o marido não quer ser tratado como empregado? Qual é o perfil ideal de parceiro para essa mulher? Um homem com uma postura quase de um filho: respeitador, subserviente, que obedece ternamente a cada ordem, ou um rival confiante e altamente sexual, que exige que ela abandone a postura dominadora? Essa tensa e delicada dança entre homem e mulher não pode ser atribuída, de maneira simplista, à misoginia (*o ódio contra as mulheres*) ou ao machismo (*uma forma exagerada de orgulho das características masculinas*). A infelicidade que muitas mulheres sentem hoje resulta em parte da incerteza delas sobre quem são e sobre o que querem nesta sociedade materialista, voltada para o status, que espera que a mulher se comporte como homem e ainda seja capaz de amar como mulher.

ÉPOCA - O feminismo não havia rejeitado as diferenças emocionais entre os gêneros?

Camille - A partir dos anos 1960, o movimento feminista tentou apagar qualquer menção às diferenças de comportamento causadas pelos hormônios. Elas foram consideradas irrelevantes para o desenvolvimento feminino. Qualquer pessoa que se referisse aos hormônios estava supostamente reduzindo as mulheres a animais irracionais. Mas homens e mulheres sentem e expressam emoções de maneira diversa, porque os hormônios atingem o cérebro dos dois sexos em níveis diferentes.

ÉPOCA - O feminismo fragiliza a figura feminina ao mostrá-la como vítima da sociedade dominada por homens. A senhora concorda com essa representação da mulher?

Camille - Como dissidente do feminismo, eu rejeito essa projeção sexista conspiratória. O feminismo argumenta que a autoestima das mulheres é sistematicamente atacada por mensagens da sociedade dizendo que elas são inferiores. Por

isso, estariam condenadas a uma vida de preocupação sobre o que os outros pensam delas. A fascinação das mulheres por espelhos, por exemplo, é interpretada como se a mulher tivesse incorporado o olhar crítico e negativo da sociedade machista. Não posso concordar com isso.

ÉPOCA - A sexualidade foi afetada pela presença das mulheres no mercado de trabalho?

Camille - O novo ambiente de trabalho, altamente tecnológico, é mais favorável às mulheres que o antigo mundo do trabalho manual, em que a força física dos homens era uma vantagem. Sentados ao computador, homens e mulheres têm habilidades iguais. Entretanto, a supressão do corpo no ambiente estéril do escritório é dessexualizante. Consequentemente, a pornografia se tornou uma necessidade cultural, reequilibrando a psique humana ao restaurar a conexão com nosso caráter animal.



O AMBIENTE DE TRABALHO ALTAMENTE TECNOLÓGICO É DESSEXUALIZANTE. POR ISSO, A PORNOGRAFIA SE TORNOU UMA NECESSIDADE CULTURAL



ÉPOCA - A senhora escreveu que Lady Gaga, o maior sucesso do pop dos últimos anos, é a “morte do sexo” e que os fãs dela “estão isolados numa tecnocracia de pobreza emocional”. Lady Gaga representa uma era assexuada?

Camille - Fico horrorizada com a popularidade mundial de Lady Gaga, porque isso demonstra o declínio chocante da qualidade da música popular. As músicas dela são medíocres, com letras vazias e sem sentido. Em segundo lugar, detesto as fantasias pretensiosas, e às vezes grotescas, que ela usa até no dia a dia. Ela se gaba de nunca ter sido vista em público a não ser fantasiada de Lady Gaga. Isso significa que gasta muito tempo e desvia muita energia para parecer apenas superficial. Madonna, ao contrário, se deixa fotografar como ela mesma, sem maquiagem, da maneira como ela se veste cotidianamente. Uma grande estrela pop como Gaga não deveria andar

por aeroportos de sutiã e meia arrastão. Além de estar muito longe de ser sexy, essa exposição feia e embaraçosa mostra que Gaga é neuroticamente alienada de seu próprio corpo.

ÉPOCA - A eleição de uma mulher presidente significa que o Brasil está à frente na igualdade de gênero?

Camille - A eleição de Dilma é certamente uma incrível demonstração do progresso brasileiro na igualdade de gêneros. Em comparação, nos Estados Unidos, nenhuma mulher jamais foi indicada para ser candidata à Presidência por nenhum dos dois grandes partidos. O problema, nos Estados Unidos, é que o presidente também é o comandante das Forças Armadas. Uma mulher precisa demonstrar aptidão para esse papel – pelo cumprimento do serviço militar ou por estudar assuntos militares. O Brasil é afortunado por ser livre da união entre militarismo e patriotismo. ◆

Vida

ESPECIAL
MULHER

CONSUMO

NOVIDADES
PARA O
DIA A DIA

Uma seleção de produtos para
facilitar a vida das mulheres em casa
e no trabalho - sem esquecer que
elas gostam de diversão e cuidados

BELEZA

ARRUMAÇÃO RÁPIDA

Ybera
R\$ 180 (kit)

O xampu e o condicionador da Ybera prometem acelerar em 60% a realização de uma escova porque contêm silicones especiais na fórmula



DEPILAÇÃO QUENTE

Depilart
R\$ 49,90

O aquecedor elétrico esquenta a cera em 20 minutos. Depois basta espalhá-la sobre a pele. Depilação sem sair de casa e (quase) sem dor

MEIA-CALÇA DE MENTIRA

Airbrush Legs
R\$ 114,90

O spray é uma maquiagem para as pernas. É resistente à água e está disponível em quatro tonalidades



SEM SUJEIRA

Klass Vough
R\$ 49

Pincéis com restos de maquiagem são o *habitat* perfeito para micro-organismos. O Brush Cleanser, com ação bactericida, mantém os pincéis limpos

DIVERSÃO

FILMES DE DIVA

Fox Film
R\$ 89,90 (cada box)

A coleção inclui alguns dos filmes mais famosos de Marilyn Monroe e um documentário sobre a estrela que abalou Hollywood nos anos 1950



BORBULHAS RETRÔ

Veuve Clicquot Ponsardin
R\$ 290

A versão rosé da bebida vem num estojo com design inspirado nas geladeiras dos anos 1950. Ele mantém a garrafa gelada por até duas horas



EMBALO PARA DORMIR

Loopday
R\$ 69,90

O conjunto com máscara de dormir e estojo para guardar tocador de música digital ajuda a relaxar antes de pegar no sono

MAIS BRILHO NA FOTO

Sony
R\$ 1.299

O modelo da Cybershot DSC-T110D vem com cristais Swarovski. Tem 16,1 megapixels e zoom óptico de 4x



ORGANIZAÇÃO

LAMPARINAS

Lampe Berger Paris
de R\$ 660 a R\$ 7 mil

As lamparinas da
luxuosa marca
francesa decoram e
aromatizam a casa

REFRIGERANTE
CASEIRO

M.Cassab
R\$ 349

Chegará às lojas em
abril a máquina que
permite preparar bebidas
gaseificadas em casa

PARA ADMIRAR
E SERVIR

Sala
R\$ 395 (cada uma)

Na mesa, são bandejas.
Penduradas, viram
peças decorativas
para poupar espaço no
armário da cozinha



EM ORDEM

GS Internacional
R\$ 110

A sacola guarda a
roupa suja de forma
organizada: claras
de um lado, escuras
do outro. Poupam o
trabalho de separar
as peças por cor
na hora de lavar

SUPERMERCADO
PRÁTICO

Cobrirel
R\$ 250

O carrinho vai fechado
no carro, carrega as
caixas com produtos no
supermercado e já deixa a
compra organizada para
levá-la para casa



TRABALHO

EM CASA E NO TRABALHO

Dell
R\$ 3.598

O laptop XPS15z tem acabamento de aço escovado e memória de 8 GB. Para trabalhar - e entreter nas horas vagas



LUZ DE GRIFE

Lumini
R\$ 738,22

A luminária para leitura é do designer Fernando Prado. Com haste flexível e lâmpada de LED, tem foco preciso de iluminação e não emite calor



TRABALHO ORGANIZADO

Laeder
R\$ 790

Para tornar o trabalho mais ordenado e elegante, os acessórios de papelaria de couro organizam a mesa de trabalho



HIDRATAÇÃO NO ESCRITÓRIO

M.Cassab
R\$ 58

A garrafa Bobble não deixa você esquecer de beber água no trabalho. Com design do egípcio Karim Rashid, é feita de PET reciclado e tem carvão ativado para filtrar a água



ABRIGO ÚTIL

DL Eletrônicos
R\$ 90

A capa de couro vem com teclado embutido e caneta touch screen. Transforma o tablet quase num notebook

